

**“Escola” de ladainhas: práticas educativas de rezadores em Breves-PA**

“School” of litanies: educational practices of praying  
People in Breves-PA

Paula Fernanda Pinheiro Souza<sup>1</sup>

Maria Betania Barbosa Albuquerque<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente artigo tem como objetivo analisar a dimensão educativa presente nos rituais de reza das ladainhas existente na cidade de Breves-PA. Para isso, fundamenta-se nos pressupostos da História Cultural, em que a história “vista de baixo”, como propõe Burke (1992), ganha espaço até então negado pela história oficial, ou seja, as vozes de sujeitos comuns, até então silenciadas, passam a ser consideradas como fontes para se contar a história. Trata-se de uma pesquisa etnográfica, sob a metodologia da história oral considerando como instrumentos de investigação entrevistas semiestruturadas e a observação em campo. Com base em Brandão (2007, 2009), Albuquerque (2012), Wulf (2016), Bondía (2002), Medaets (2011) e Ingold (2010, 2015), concluímos que na educação das ladainhas não há professores que expõem e explicam determinados conteúdo. Os educadores desse tipo de escola são os

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA), Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Possui especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura brasileira, pela Faculdade Integrada de Goiás (2017). É licenciada em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2016). Integra o Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia - GHEDA, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Atualmente é Técnica administrativa, na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves. E-mail: pinheiro paula178@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) com Pós-Doutoramento pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES-UC-Pt). Prof<sup>a</sup>. do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA), na Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Coord. do Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia (GHEDA). Pesquisadora vinculada à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd); Trabalha na área da filosofia e história da educação. E-mail: mbetaniaalbuquerque@uol.com.br.

próprios rezadores que mostram seu fazer a partir da vivência da prática ritualística, na qual saberes são postos em circulação e apreendidos pelos sujeitos.

**Palavras-chaves:** Ladainha. Prática educativa. Mediação cultural.

### **Abstract**

This article aims to analyze the educational dimension present in the rituals of praying the litanies existing in the city of Breves, Pará. To achieve this, it is based on the assumptions of Cultural History, in which history “seen from below”, as proposed by Burke (1992), gained space hitherto denied by official history, that is, the voices of ordinary subjects, till then silenced, come to be considered as sources to tell the history. It is an ethnographic research, under the methodology of oral history, considering the semi-structured interviews and field observation as research instruments. Based on Brandão (2007, 2009), Albuquerque (2012), Wulf (2016), Bondía (2002), Medaets (2011) and Ingold (2010, 2015), we conclude that in the education of litanies, there aren't teachers who expose and explain certain content. The teachers of this type of school are the praying people themselves who show their actions from the experience of ritualistic practice, in which knowledge is put into circulation and apprehended by the subjects.

**Keywords:** Litany. Educational practice. Cultural mediation.

### **Introdução**

O início da prática de rezar ladainhas no Brasil está diretamente ligado aos tempos da colonização (século XVI-XIX). Afinal, a religião católica adentrou no país com os colonizadores portugueses, especialmente, através das missões religiosas dos padres jesuítas. Brandão (2010) explica que desde cedo os jesuítas, em seus trabalhos catequéticos com os povos nativos do Brasil, compreenderam a serventia de acrescentarem os dramas, os cantos e as danças no ensino e nos rituais de catequese dos indígenas.

De acordo com Sales (1980), mesmo de forma modesta, já que o objetivo primeiro da Coroa Portuguesa estava ligado à exploração da terra e dos povos, os colonizadores logo introduziram a música europeia em terras brasileiras, especialmente, a música de cunho religioso. Esforço maior dos missionários, principalmente dos jesuítas, que empregavam a música como um instrumento pedagógico e político para a dominação dos nativos. Assim, cantava-se e ensinava-se aos nativos as ladainhas, o canto gregoriano e a salve-rainha.

As ladainhas, interpretadas como um instrumento pedagógico, configuram-se, portanto, como mediadores culturais. O conceito de *passseurs culturels* (mediadores culturais), de acordo com Fonseca (2003), foi construído por Gruzinski, ao investigar as culturas mestiças no México colonial. Ao comentar sobre esse conceito, a autora assim o define:

Os *passseurs culturels* são elementos – pessoas, objetos – que atuam como mediadores. entre tempos e espaços diversos, contribuindo na elaboração e na circulação de representações e do imaginário. Por seu forte enraizamento cultural e sua grande mobilidade, esses mediadores atuam como catalisadores de ideias, sendo capazes de organizar sentidos e de criar um sistema de conexões dentro do universo cultural no qual transitam. A atuação desses mediadores permite entender como os diversos universos culturais se entrecruzam (FONSECA, 2003, p. 68).

Dessa maneira, os momentos de reza da ladainha durante a colonização brasileira podem ser compreendidos como um processo de mediação cultural, nos quais circulavam um conjunto de saberes aproximando culturas distintas.

Os rituais católicos, introduzidos pelos portugueses, ao serem apreendidos pelos indígenas sofreram modificações. Isso porque, o contato de culturas tão distintas não pode ser interpretado como um processo pacífico e inúmeros são os registros de que não se tratou de uma convivência harmônica. Além disso, é importante frisar as trocas culturais que se estabeleceram durante a colonização, por meio do contato entre nativos e portugueses. Montero (2006), ao discutir sobre mediação cultural entre povos distintos, afirma que é imprescindível ter em mente que não se trata apenas de “observar o encontro de duas sociedades e/ou culturas distintas (e

desiguais) e os efeitos de uma sobre a outra, mas de compreender como agentes em interação acessam alguns de seus códigos próprios ou se apropriam de alguns códigos alheios para significar” (MONTERO, 2006, p. 51).

Ao ressaltar o contato étnico estabelecido entre culturas distintas, compreende-se a existência de um processo de trocas culturais entre nativos e portugueses, para além da ideia de conflito. Desta forma, cantar e/ou rezar ladainhas é um ritual muito antigo no Brasil, que vem sendo repassado de geração em geração, por meio, sobretudo, da oralidade e sofrendo alterações com o decorrer do tempo. É o que podemos observar no estudo realizado na cidade de Breves.

Breves-PA é uma cidade situada no sudoeste do Arquipélago do Marajó. Nela, as ladainhas possuem um forte significado para os devotos mais velhos, caracterizando-se por ser um momento, principalmente, de agradecimento às graças alcançadas por meio de promessas. Por isso, têm seu espaço garantido nas manifestações populares como as festas de santos, criadas e organizadas por devotos católicos, sem relação direta com as paróquias da cidade e em residências particulares, ambas sem a presença de padres.

Ao realizar a pesquisa compreendemos que as ladainhas não são apenas a oração em latim, mas são constituídas de várias orações, umas antes e outras após o texto em latim. Conforme explicitado por Brandão (2010, p. 86), ao tratar sobre as folias e folgas de São Gonçalo, assim ocorre com as ladainhas rezadas em Breves, em que há a presença das “preces atuais nas cerimônias eclesíastica”, como o pai-nosso, a ave-maria e a salve-rainha, e as “antigas preces da igreja, hoje muito raras ou inexistentes nas liturgias oficiais”. É o caso de orações como as longas ladainhas em latim, os jaculatórios e os longos benditos rezados para os santos de devoção. E todos os saberes são aprendidos por meio de uma educação intergeracional, vivenciada em momentos de celebração.

Trata-se, nesse sentido, de um tipo particular de educação não escolar possível de ser analisado segundo a perspectiva da História Cultural que abre possibilidades para pensarmos a educação como uma prática cultural, para

além do território da escolarização formal. Burke (1991) comenta que a história cultural, surge do alargamento dos estudos historiográficos centrados nas grandes narrativas do progresso e ascensão da civilização moderna ocidental. A História, portanto, oferecia “uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, gerais ou ocasionalmente eclesiásticos” (BURKE, 1992, p. 12). Com a emergência da História Cultural, ocorre uma abertura a novos objetos, novos sujeitos, bem como uma abertura para as dimensões não formais da cultura.

Em se tratando do campo histórico-educacional, Fonseca (2003) chama a atenção para o fato de que a História Cultural pode contribuir com o estudo das dimensões cotidianas da educação, por meio das quais homens e mulheres se formam, como é o caso da prática das ladainhas. Para a autora, tais dimensões são ainda pouco exploradas, sendo necessário, portanto, “ampliar os horizontes para outras dimensões desse processo que não incluem, necessariamente, a chamada escolarização formal” (FONSECA, 2003, p. 68-9).

Portanto, por meio da articulação entre História Cultural e História da Educação, a ênfase em um processo educativo, mediado por sujeitos comuns de uma cidade localizada na região marajoara tornou-se possível. A pesquisa qualitativa, da qual resulta este artigo, ao se propor a analisar o ritual das ladainhas como prática educativa, através das vozes e memórias dos sujeitos que vivenciam o ritual e das observações realizadas em campo, caracteriza-se por sua natureza etnográfica sob a metodologia da história oral. A abordagem qualitativa nas ciências sociais, segundo Minayo (2001, p. 20-1), volta-se para uma realidade que não pode ser quantificada. Dessa maneira, se preocupa com “um universo de significados, aspirações, motivos, crenças, valores e atitudes”. Por sua vez, a etnografia permite a descrição das culturas, práticas, hábitos, crenças, valores de um determinado grupo social. Geertz (2008, p. 7) esclarece que ela se caracteriza como uma “descrição densa”, na qual o etnógrafo encara uma variedade de estruturas conceituais complexas, “muitas

delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar”.

A história oral como metodologia “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2014, p. 155). Portelli (2010) comenta que, comumente, ao realizar pesquisas no âmbito da história oral comete-se o equívoco de afirmar que “damos voz aos sem voz”. Contudo, pondera que se eles não tivessem voz, não haveria nada a gravar e a escutar. Logo, é correto afirmar que “os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra” (PORTELLI, 2010, p. 3).

Dessa maneira, com o objetivo de evidenciar como ocorre o processo de ensino e aprendizagem nos rituais de reza de ladainhas, o artigo possibilitará que o leitor possa ouvir as vozes dos sujeitos da pesquisa, vozes de rezadores e rezadoras que entoam preces e agradecimentos através das ladainhas nas casas e festividades populares, através do talento artístico musical que é vivido, ouvido e sentido há anos. Tudo isso, por meio da história oral, que para Thompson (1992) é um meio de transformar o conteúdo e a finalidade da história, uma vez que ela pode ser utilizada para diversas finalidades

Assim, para a concretização da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observação participante. A entrevista semiestruturada, também conhecida como entrevista despadronizada ou não-estruturada, é aquela em que “o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal” (LAKATOS; MARCONI, 2011, p. 197).

Para tanto, um roteiro de entrevista foi construído de modo a permitir aos entrevistados se expressarem com base nos objetivos da pesquisa. Como as perguntas não eram fechadas, durante a pesquisa de campo outras perguntas surgiram por meio de informações novas que iam sendo reveladas pelas vozes dos rezadores e rezadoras. Assim, foram entrevistados 12 rezadoras e rezadores, sendo 7 mulheres e 5 homens, como mostra o quadro 1:

Quadro 1 – Rezadores entrevistados

<b>N°</b>	<b>Nome</b>	<b>Idade</b>
<b>1</b>	Antônio Carlos dos Santos Silva	70 anos
<b>2</b>	Élida Maria dos Santos Pereira	62 anos
<b>3</b>	Enilda Maria dos Santos Pereira	64 anos
<b>4</b>	João Alfaia de Deus	86 anos
<b>5</b>	Leonita Gaspar da Silva	52 anos
<b>6</b>	Libório Moraes Pantoja	86 anos
<b>7</b>	Maria das Graças Rodrigues de Carvalho	70 anos
<b>8</b>	Nailza de Jesus Pereira dos Santos	63 anos
<b>9</b>	Raimundo Gonçalves de Souza	82 anos
<b>10</b>	Rosilda dos Santos da Silva	73 anos
<b>11</b>	Simão Costa dos Santos	88 anos
<b>12</b>	Theodora Rocha Gaia Fernandes	72 anos

As entrevistas foram realizadas nos meses de maio, junho e julho de 2018. Todas elas foram realizadas individualmente. Todos os sujeitos optaram por nos receber em suas residências e concordaram que seus nomes fossem mencionados na pesquisa. As entrevistas foram consentidas por cada sujeito no momento do esclarecimento sobre a pesquisa, ocasião em que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como a cessão gratuita de direitos sobre gravações de voz e imagem.

As observações realizadas em campo também auxiliaram no processo de análise e escrita. A observação participante, segundo André (1997), tem como objetivo descrever os sistemas de significados culturais dos sujeitos. Assim, por meio da observação, juntamente com as demais técnicas, o etnógrafo poderá entender a cultura que está pesquisando.

As observações foram realizadas em duas festividades e em uma residência, festejos estes organizados por devotos, sem a participação da igreja

católica oficial, isso porque, atualmente, cantar ladainhas faz parte da cultura religiosa popular dos municípios marajoaras. Assim, foram feitas observações na Festividade do Glorioso Espírito Santo nos dias 23, 24, 25, 26 e 27 de maio de 2018 e nos dias 05, 06, 07, 08 e 09 de junho de 2019, na ladainha oferecida a São João em uma residência, em junho de 2018 e na Festividade de São Pedro, finalizando o ciclo de observações em campo, nos dias 27, 28, 29 e 30 de junho de 2019.

Dessa maneira, após as observações e entrevistas realizadas em campo foi possível compreendermos que o processo educativo na ladainha se dá por meio de quatro dimensões: Educação intergeracional, ritualística e vivencial; Educação e vontade, Processo vivencial; Educação da atenção; Educação e vontade; Oralidade, memória e escrita (uso dos cadernos e cópias), que passamos a descrever ao longo do texto.

### **1. Aprendeu como nós, através da convivência”: uma educação intergeracional, ritualística e vivencial**

Compreender o ritual de rezar enquanto uma prática educativa requer cautela, sobretudo, dentro do que se tem entendido ocidentalmente por educação pois, se não há escola para aprender ladainha, como os rezadores aprenderam os saberes para a concretização da sua performance? Como adquiriram o título de rezadores consagrados pela comunidade e são convidados para rezarem ladainha pelo aniversário de alguém ou por uma graça alcançada em uma família?

Brandão (2007a), ao versar sobre educação, explica que mesmo em comunidades nas quais não há escola, ou nos intervalos de lugares onde a escola existe, os seres humanos a fim de ensinar “às crianças, aos adolescentes, e também aos jovens e mesmo aos adultos”, criam e desenvolvem métodos, recursos e situações para transmitir “o saber, a crença e os gestos que os tornarão um dia o modelo de homem ou de mulher que o imaginário de cada sociedade – ou mesmo de cada grupo mais específico dela – idealiza, projeta e procura realizar” (BRANDÃO, 2007a, p. 22).



Neste texto, portanto, concordamos com a afirmação de que a educação não se restringe apenas aos ambientes escolares, mas pode ocorrer nos mais diversos contextos, onde é possível haver troca de saberes. Brandão (2009) entende a educação como um processo vivenciado constantemente por todos os seres humanos, pois “antes de surgirem as escolas, os lugares dos rituais eram os melhores espaços das trocas do saber. Dançando se sabe e cantando se ensina o saber da história e dos mitos da tribo” (BRANDÃO, 2009, p. 144).

A educação, assim, “existe onde não há a escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra” (BRANDÃO, 2007b, p. 13). Para compreender essa perspectiva ampla de educação, recorreremos ao conceito de *pedagogias culturais*. O termo foi utilizado para “abordar a multiplicidade de processos educativos em curso, para além daqueles que têm lugar em instituições historicamente vinculadas a ações de educar (como é o caso da escola, da família, da igreja etc.)” (WORTMANN *et al.*, 2015, p. 37).

Andrade e Costa (2017), por meio da articulação entre educação, pedagogia e cultura, enfatizam que os ambientes culturais são locais de aprendizagem. As autoras destacam a fertilidade dos estudos de Henry Giroux para enfatizar a relevância das aproximações entre cultura e educação para a noção de *pedagogias culturais*. Para elas:

Mais do que ampliar o conceito de pedagogia, dizendo que esta se dá em uma gama de lugares que não apenas a escola, esse autor parece ser um dos primeiros estudiosos que adjetiva o conceito com a intenção de pluralizar as ações pedagógicas. Foi tomando esses conceitos como ponto de partida que muitos outros estudos se tornaram possíveis e repercutiram positivamente no campo da Educação. Por exemplo, Bernstein (2001), ao falar da pedagogização da vida diária; Pikett (2009), ao tratar do Estado pedagógico; Camozzato (2012), ao abordar a vontade de pedagogia; ou Watkins, Noble e Driscoll (2015), ao discorrerem sobre o imperativo pedagógico, referem-se à produção de Giroux para desencadear suas discussões (ANDRADE; COSTA, 2017, p. 8-9).

Dessa maneira, compreende-se como prática educativa “toda relação em que há transmissão de conhecimento de qualquer espécie, seja de caráter moral, religioso, técnico ou até mesmo escolar” (CUNHA; FONSECA, 2005, p.

1). No interior das práticas culturais saberes são ensinados e aprendidos, configurando-as como pedagógicas.

Albuquerque (2012, p. 24), ao tratar sobre saber popular o define como “uma forma singular de inteligibilidade do real fincada na cultura, com a qual determinados grupos reinventam o cotidiano, criam estratégias de sobrevivência, transmitem seus saberes e perpetuam seus valores e tradições”. É o caso das religiões que podem ser entendidas como espaços educativos, permeados de saberes culturais. Brandão (2002) afirma que assim como a educação, a religião é um espaço de trocas de significados, bens e serviços.

Albuquerque e Barbosa (2016, p.127), ao discorrerem sobre a religião como processo educativo, concluem que espaços religiosos como “templos, terreiros e igrejas caracterizam-se pela troca e transmissão de um conjunto de saberes que possibilitam a circulação de sentidos e de significados de teor pedagógico”. Nessa perspectiva, compreende-se o ritual das ladainhas como prática educativa, na qual saberes são ensinados e aprendidos por meio de uma educação da atenção (INGOLD, 2010).

Os rezadores e rezadoras, ao comentarem sobre como aprenderam a rezar ladainha, explicam com muita tranquilidade que a aprendizagem se deu: “através da convivência”, “ouvindo os mais velhos e fazendo”, “indo nas rezas”, “vendo os meus pais e os outros rezadores”, “por minha conta mesmo”, “a gente ia vendo e decorando tudo”. Os mestres dos rezadores iniciantes são seus pais, parentes próximos e/ou outros rezadores habilitados. Isso se assemelha ao que ocorre na África tradicional, onde a oralidade é fundamental e “o apego religioso ao patrimônio transmitido exprime-se em frases como: ‘Aprendi com meu Mestre’, ‘Aprendi com meu pai’, ‘Foi o que suguei no seio de minha mãe’ (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 174).

Seu João Alfaia explicou que o rezador habilitado é aquele detentor dos conhecimentos necessários para rezar a ladainha sendo reconhecido pela comunidade e convidado para rezar nas casas e festividades. Assim, ao observar o rezador experiente, o aprendiz vai assimilando os conhecimentos

necessários para, enfim, poder atuar no ritual como um rezador reconhecido pela comunidade.

A metade dos rezadores entrevistados aprendeu por influência dos pais, algo muito comum no tempo em que eles eram crianças. A aprendizagem ocorria quando os pais levavam os filhos para as ladainhas em que eram convidados para rezar. Tal costume havia sido passado a partir das gerações mais antigas das famílias. Dessa maneira, eles aprenderam muito cedo, por volta dos 10 anos de idade ou até mais novos.

Dona Nailza, ao contar como começou a cantar ladainha, revela não saber dizer quantos anos tinha quando aprendeu: *“Desde que eu me entendi que eu vi eles rezando [seus pais] e eu ajudava. Sempre acompanhei eles”* (Entrevista, 21 jul. 2018). Portanto, o processo de aprendizagem se deu de maneira natural e sem uma intencionalidade.

Já os rezadores que tiveram o processo de aprendizagem mediado por pessoas que não eram de suas famílias, diferentemente daquele ensinado pelos pais, aprenderam a rezar quando eram adultos. De acordo com eles, o processo de ensino se deu quando eles já tinham mais de 30 anos de idade. Desses, apenas Seu Libório aprendeu na sua juventude, por volta dos seus 18 anos de idade. Segundo eles, ao se interessarem em aprender a capitular<sup>3</sup> a ladainha, procuraram treinar com rezadores experientes. Apesar de ter a intencionalidade, pelo fato de irem em busca de adquirir os conhecimentos, a aprendizagem se deu da mesma maneira como ocorreu com os que aprenderam quando criança, ou seja, por meio da atenção e da observação.

Seu Simão conta que o seu pai era rezador de ladainha e rezava em vários lugares. No entanto, enquanto o pai estava vivo ele não se interessou em aprender a rezar. Mas, ao falecer, seu pai deixou para ele uma cópia da letra da ladainha e a partir dessa cópia ele procurou um senhor que sabia capitular e pediu que lhe ensinasse. O rezador, muito prestativo, lhe ensinou

---

<sup>3</sup> Forma de se rezar ladainha, na qual há a figura do capitulante, aquele que faz a primeira voz e é responsável pela execução da oração, como um maestro.

através das ladainhas que ia realizar pelas casas de particulares. Segundo sua narrativa:

*O meu pai era rezador e eu gostava de escutar a reza. Essa parte que as mulheres fazem, que as mulheres respondem, isso que eu gostava de escutar. Quando meu pai morreu ele deixou uma cópia de reza.... Eu peguei a cópia e guardei. Em 60 eu fui pra Corcovado, já casado, casei em 58... tinha um homem lá que ajudava a rezar, aí eu disse para ele que eu tinha a cópia, eu mostrei a cópia pra ele. Aí ele ‘rapaz, por aqui dá pra ti fazer’, aí nós começemo, aí foi, foi, foi e eu passei a tirar ladainha (Entrevista, 15 jul. 2018).*

Dessa maneira, o rezador experiente ia capitulando e Seu Simão ia observando, ouvindo, prestando atenção e fazendo igual. Quando já sabia rezar sozinho, passou a ser convidado para capitular nas ladainhas. E até hoje reza pelas casas e festividades, sendo reconhecido e prestigiado como um rezador habilitado. Trata-se, portanto, de um processo educativo que se dá dentro da própria ritualística.

McLaren (1992), ao analisar os rituais na escola, explica que estes são transmissores de códigos culturais, informações cognitivas e gestuais que moldam as percepções e compreensões dos estudantes. Isso permite a “encarnação de símbolos”, “metáforas e paradigmas”, que capacitam “os atores sociais a demarcar, negociar e articular sua existência fenomenológica como seres sociais, culturais e morais” (MCLAREN, 1992, p. 88). Nessa direção, Brandão (2010) explica que os rituais são meios em que as pessoas aprendem o seu próprio modo de ser. Dessa maneira, “enquanto sistemas culturalmente construídos de comunicação simbólica, os ritos deixam de ser apenas a ação que corresponde a (ou deriva de) um sistema de ideias, resultando que eles se tornam bons para pensar e bons para agir” (PEIRANO, 2002, p. 26-7).

Mota Neto (2008), ao analisar as práticas educativas cotidianas de um terreiro do Tambor de Mina na Amazônia, explica que os saberes rituais não estão registrados de forma escrita, posto que são apreendidos pelos sujeitos “no tempo mesmo em que são vivenciados pela prática ritual. Assim, cabe aos iniciantes observar a atitude dos mais experientes e, quando permitido, participar e repetir a performance observada” (MOTA NETO, 2008, p. 149).

Os saberes que circulam nas ladainhas também são aprendidos dessa maneira. Ou seja, não são ensinados em momentos especiais da vida, ao contrário, eles são compartilhados na vivência. Essa característica distingue a educação vivida nas ladainhas de outros modelos de educação, inclusive de modelos não escolares, como no já mencionado Tambor de Mina estudado por Mota Neto (2008). De acordo com o autor, apesar de parte da aprendizagem acontecer espontaneamente ao longo da experiência ritual, há também um momento destinado ao compartilhamento de certos saberes:

Há no terreiro, no entanto, uma modalidade de educação denominada 'sessão de desenvolvimento', especialmente dedicada à formação mediúnica, realizada normalmente uma vez por mês, em uma data combinada entre os membros da casa. Essas sessões costumam enfatizar aspectos sobre a atuação religiosa dos médiuns, destacando-se, por isso, aprendizagens acerca da forma correta de cantar as doutrinas, dançá-las e movimentar-se no ritual, a melhor maneira de aproximar-se dos encantados e incorporá-los, o que deve ser feito cada vez mais com desenvoltura e facilidade, sem sacrifício nem dor (MOTA NETO, 2008, p. 160).

Na educação das ladainhas, contudo, como foi possível verificar em campo, não existem momentos específicos dedicados à aprendizagem, em que os mais experientes explicam para os aprendizes como realizar determinadas tarefas do ritual, pois tudo se dá por meio da observação atenta do aprendiz. Assim, curiosidade, paciência e atenção são primordiais para a concretização do processo de aprendizagem.

## **2. “Tu fica observando como é que é a nossa voz”: uma educação da atenção**

A educação no ritual das ladainhas compreende uma maneira de aprender que se dá, especialmente, por meio da observação e da *mimese*. Ao tratar sobre processo de aprendizagem cultural, por meio de *mimese*, Wulf (2016) explica que os seres humanos têm habilidade para aprender por mimetismo:

Estudos recentes sobre primatas mostram que o homem é, de longe, o mais habilitado para aprender por mimetismo. Aristóteles já considerava que a aptidão para a aprendizagem cultural e o prazer de

a isso se dedicar constituíam um dom próprio da espécie humana. Essas aptidões miméticas permitem à criança, na primeira infância, participar da produção e dos processos culturais da sociedade. Na primeira infância, a criança assimila as produções materiais e simbólicas de sua comunidade cultural, as quais, conservadas dessa maneira, são transmitidas à geração seguinte. Em ampla medida, a aprendizagem cultural é aprendizagem mimética, essencial em inúmeros processos de formação e de auto formação. Ela se estende ao outro, à comunidade social e aos bens culturais, cuja vitalidade é garantida por ela (WULF, 2016, p. 553).

O autor comenta que aprender por mimetismo se fundamenta no corpo e nos sentidos e “permite a aprendizagem de imagens, de esquemas, de movimentos pertencentes à esfera da ação prática”, além de se realizar, em grande parte, de maneira inconsciente (WULF, 2016, p. 553).

Ao refletir sobre tal procedimento, no qual a aprendizagem se dá por meio da observação, compreende-se que a maneira como os rezadores aprendem a ladainha, está diretamente ligada ao que Ingold (2010) define como educação da atenção. Segundo o autor, “no crescimento do conhecimento humano, a contribuição que cada geração dá à seguinte não é um suprimento acumulado de representações, mas uma educação da atenção” (INGOLD, 2010, p. 7).

Para o autor, “mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo”. Aquele que ensina cria situações para que o iniciante seja instruído “a cuidar especialmente deste ou daquele aspecto do que pode ser visto, tocado ou ouvido, para poder assim ‘pegar o jeito’ da coisa. Aprender, neste sentido, é equivalente a uma ‘educação da atenção’” (INGOLD, 2010, p. 21).

Na fotografia 1, há duas crianças sentadas que observam e escutam atentamente o ritual. A menina está lendo a cópia da ladainha enquanto o menino também está com a cópia, mas no momento encontra-se observando atentamente o ritual.

Fotografia 1 - Ladainha na Festividade do Glorioso Espírito Santo.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2019.

Dessa maneira, compreende-se que aquele que aprende os saberes da ladainha é “sujeito da experiência”, o qual “não se define por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (BONDÍA, 2002, p. 24). A passividade não implica em alguém que não é ativo, mas “uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (BONDÍA, 2002, p. 24).

A passividade, a abertura e a atenção descritas por Bondía são perceptíveis em vários momentos das falas dos rezadores ao narrarem como aprenderam e como já ensinaram outras pessoas a rezar a ladainha. Dona Enilda descreve a aprendizagem do ritual como algo que se constitui na convivência, ou seja, no cotidiano. Ao comentar, especificamente, como ela começou a rezar, explica que ela e a irmã, quando crianças, ouviam e aprendiam: “*Foi ouvindo os meus pais e outros rezadores, que tinha muito rezador antes*” (Entrevista, 03 jun. 2018).

Assim, para aprender a cantar a ladainha, como explicou Seu Libório, “*tu vai na ladainha e tu fica observando como é que é a nossa voz*” (Entrevista, 15 jul. 2018). Conclui-se, portanto, que o processo educativo envolvendo as ladainhas ocorre de modo semelhante ao que Medaets (2011, p. 10) descreveu ao analisar as práticas de transmissão e aprendizagem de saberes na região do Baixo-Tapajós, nas quais, “os saberes não são ditos, informados, mas sim vividos, mesmo que através da observação. É através da experiência

continuada, em primeiro lugar como observador *ativo* [...] e, em seguida, como praticante cada vez mais experimentado” que a educação acontece.

Segundo a autora, “nas práticas de transmissão e de aprendizagem no Baixo-Tapajós, não se escuta ‘vem aqui que eu te explico’, ‘é errando que se aprende’ ou ‘continue tentando que você vai conseguir’. Aqui a frase é: ‘Tu garante?’” (MEDAETS, 2011, p. 10). Assim, o jovem ou a criança ao observar os mais velhos vai adquirindo conhecimentos através do olhar atento até conseguir realizar a tarefa sozinho, isto é, até que se garanta, sem que haja alguém propriamente “ensinando”.

Essa forma de aprender com a experiência requer, contudo, muita atenção. Bondía (2002, p. 24) adverte o quanto a experiência nos tempos de hoje, em plena era da informação, é quase impossível. Isso porque, para ter experiência, é imprescindível um exercício que quase não se faz atualmente, ou seja, “parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes”.

Portanto, segundo o autor, é necessário “abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro” (BONDÍA, 2002, p. 24). Tal característica está ligada ao modo pelo qual os rezadores aprendem e ensinam suas práticas no ritual da ladainha, em que se escuta, se observa sem pressa, contemplando e se abrindo para que a experiência toque e transforme. A experiência, como aponta Bondía, é aquilo que nos toca, que nos afeta e para tanto é necessária a sensibilidade, abertura e vontade daquele que se propõe a aprender.

### **3. “Eu tinha vontade, achava bonito”: educação e vontade**

Ao serem questionados acerca do que é necessário se ter para aprender a rezar ladainhas, os rezadores destacaram a vontade como elemento primordial. Seu Samuca afirma que “*vai da vontade da pessoa. Se a pessoa não tem vontade não aprende*” (Entrevista, 15 jul. 2018). Seu Libório, ao versar



sobre o assunto, enfatiza a relevância do interesse para que a aprendizagem ocorra. Para ele, se a pessoa está interessada em aprender basta ela ir às ladainhas para instruir-se: “*é assim, no caso como tu já viste, tu observa como é que nós faz, tu tem que prestar atenção na voz também [...] observa como é que faz até que tu vai pegando o ritmo, vai, vai...*” (Entrevista, 15 jul. 2018).

A vontade e o interesse como dimensões do processo educativo das ladainhas têm correlação direta com o modelo de educação pela atenção. Ingold (2015), por meio de uma metáfora, descreve dois modelos de educação se utilizando das figuras do dédalo e do labirinto. O primeiro, segundo o autor, é o modelo de educação mais utilizado nas escolas, em que o objetivo é levar para dentro do aprendiz regras e representações. O segundo, por sua vez, trata-se da educação da atenção, na qual a pessoa aprende por meio da sua própria experiência. Para o autor:

Entre navegar no dédalo e vagar no labirinto está toda a diferença entre os dois sentidos de educação com os quais comecei este texto: por um lado, a *indução* (trazer para dentro) do aprendiz às regras e representações, ou aos ‘mundos intencionais’ de uma cultura; por outro, a *ex-ducção* (levar para fora) do aprendiz no próprio mundo, conforme ele se lhe apresenta através da experiência. Decerto, não há nada de novo ou radical em sugerir que o conhecimento é relativo ao seu ambiente cultural. Que cada mundo não é mais que uma visão de mundo, e que essas perspectivas ou interpretações são múltiplas e possivelmente conflitantes (INGOLD, 2015, p. 27).

Ingold (2015) esclarece que no dédalo tudo se dá de maneira intencional. Ou seja, “há uma mente trabalhando, operando a partir de dentro do ator, conduzindo-o para um propósito e direção que estão além das leis físicas do movimento”. Dessa forma, os aprendizes “não fazem ideia de para onde estão indo, e são incapazes de deliberar se desejam ir para uma direção ou outra” (INGOLD, 2015, p. 25).

Ao contrário do dédalo, para caminhar pelo labirinto é necessário ter muita atenção para seguir a trilha. “A educação que segue a linha do labirinto não oferece aos pupilos pontos de partida ou posições” (INGOLD, 2015, p. 21). Como já evidenciado, no processo educativo das ladainhas é exigido dos aprendizes muita atenção e essa característica é consequência do interesse em aprender. O que se aprende pode ser tal qual se viu, ou pode variar a partir

daquilo que o sujeito assimilou. Há variações, portanto, nas formas de se rezar ladainhas dentro de uma mesma comunidade.

As duas festividades observadas na pesquisa, por exemplo, ocorreram no mesmo bairro. Na Festividade de São Pedro, como já mencionado, as ladainhas são rezadas de maneira capitulada, já na Festividade do Glorioso Espírito Santo de forma apenas cantada. As variações, no entanto, não param por aí, pois há variações até mesmo dentro de uma mesma maneira de rezar. Seu Libório explica que ele capitula de uma maneira, mas já viu e já cantou ladainha com rezadores também da cidade de Breves que capitulam de outra forma. Assim, no labirinto vivenciado na aprendizagem dos saberes perpassados pelo ritual das ladainhas, o aprendiz “se submete ao mundo e responde aos seus acenos, seguindo por onde outros já estiveram”, ele pode escolher “seguir adiante, sem começo ou fim, abrindo caminho no fluxo das coisas” (INGOLD, 2015, p. 34).

Dessa maneira, enfatiza-se a relevância da vontade e do interesse, citados pelos rezadores, como uma das dimensões que perpassa o processo educativo ritualístico das ladainhas. Tal dimensão, infelizmente, tem sido negligenciada em muitos modelos de educação formal. Em uma sociedade regida pelos moldes ocidentais, que prioriza, como alerta Bondía (2002), a informação em detrimento da experiência, se abrir para uma vivência como a da aprendizagem das ladainhas exige entrega e sensibilidade do aprendiz. Dona Êlida, ao descrever o que sente quando está cantando ladainha, revela que a emoção passada em sua performance é referente a um bem que lhe preenche, posto que se entrega totalmente ao ritual.

Na educação escolar, no entanto, “estamos sempre acelerados e nada nos acontece” (BONDÍA, 2002, p. 23). Uma vez que na escola somos ensinados por meio da metodologia do dédalo, conforme pontuou Ingold (2015), abrir-se para um labirinto significa “suspender o automatismo da ação”, “cultivar a atenção e a delicadeza” e “aprender a lentidão” (BONDÍA, 2002, p. 24). O sujeito da formação permanente e acelerada, contudo, “não pode perder tempo”, “não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do

que se passa”. E, “por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo (BONDÍA, 2002, p. 23).

McLaren (1992) afirma que a escola trabalha com a cultura da dor. Para ele, “dor, seja ela existencial ou física, está intimamente ligada ao encontro pedagógico” (MCLAREN, 1992, p. 43). Na contramão desse modelo, a educação vivida pelas vozes que entoam esta pesquisa não encontra suporte na cultura da dor, uma vez que se aprende pela beleza, pela vontade, pela observação atenta, pela emoção, pela fé, assim como pela afetividade com o santo de devoção.

Dona Nailza, emocionada, comentou que sente muita tranquilidade quando reza *ladainha* “*A gente sente... A gente se sente...aaah... sei lá, ao modo que dá uma tranquilidade na gente*” (Entrevista, 21 jul. 2018). Dona Enilda, ao ser questionada se seus pais mandavam ou pediam que ela aprendesse a rezar *ladainha*, contou com um sorriso no rosto que não. Explicou que aprendeu porque ela e a irmã gostavam: “*Não, não. [Risos] A gente que gostava mesmo. Nossa! Tinha muitas colegas, muitas... Todas que aprenderam, que sabem, aprenderam assim desse jeito e a maioria foi aqui em casa*” (Entrevista, 03 jun. 2018).

Seu Samuca explica que teve vontade de aprender porque via seu pai rezar e achava bonito: “*Eu tinha vontade, achava bonito, meu pai rezava e a mulherada pra trás respondiam a ladainha. Eu achava bonito aquilo*” (Entrevista, 15 jul. 2018). Assim, observa-se que nas *ladainhas*, os aprendizes são movidos também pelo encantamento, pela fé e/ou pela beleza da performance em si. Seu Antônio Carlos descreve o ritual como algo que prende a atenção dos espectadores pois “*quando as pessoas vão elas ficam admiradas. Eles cantam ali... é meio que ser um espetáculo, elas acham bonito*” (Entrevista, 19 mai. 2018). Mas, todo esse espetáculo só é possível de ser vivido por meio da vontade de aprender. Assim, o processo envolve, principalmente, o interesse para se permitir observar com atenção e escutar com sensibilidade.

#### **4. “Se aprende rezando, observando e por meio da cópia”: oralidade, memória e escrita**

Na aprendizagem ritualística das ladainhas, como já mencionado, a oralidade e a memória são primordiais, pois o aprendiz guarda em sua memória cada detalhe da performance e da letra da oração. Ao fazer uma análise dos estudos nos campos linguísticos e literários nos deparamos com concepções que dicotomizam o oral e o escrito, posto que a tradição oral, em contraste com a escrita, acaba equivocadamente sendo deixada em segundo plano. Muitos estudos mostram, no entanto, que ambas não possuem características tão opostas e, portanto, nenhuma pode ser considerada superior ou inferior em relação à outra. Nesse sentido, Zumthor (2010) explica que a oralidade não significa analfabetismo e “é inútil julgar a oralidade de modo negativo, realçando-lhe os traços que contrastam com a escritura” (ZUMTHOR, 2010, p. 24).

Como sabemos, em muitas culturas a tradição oral ocupa lugar de destaque. Hampaté Bá (2010), ao enfatizar a relevância da tradição oral para a cultura africana, mostra que ela é a grande escala da vida. Isso porque, “ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169).

Observamos que nas ladainhas a tradição oral também é a grande escala da vida. O ritual só resiste há anos através da oralidade, pois sem ela não seria possível a renovação e concretização de inúmeras ladainhas. É através da oralidade, por exemplo, que a maior parte dos saberes é compartilhado entre os rezadores habilitados e os aprendizes. Cabe destacar, no entanto, que apesar de aprenderem por meio da oralidade, da observação e da atenção, mesmo cantando a ladainha há muitos anos, os rezadores ainda fazem uso da letra copiada ou digitalizada.

O caderno, portanto, torna-se um instrumento primordial no momento de aprendizagem, principalmente, porque a oração é em latim e isso dificulta a assimilação da letra. A cópia é dada pelo rezador experiente para o aprendiz.

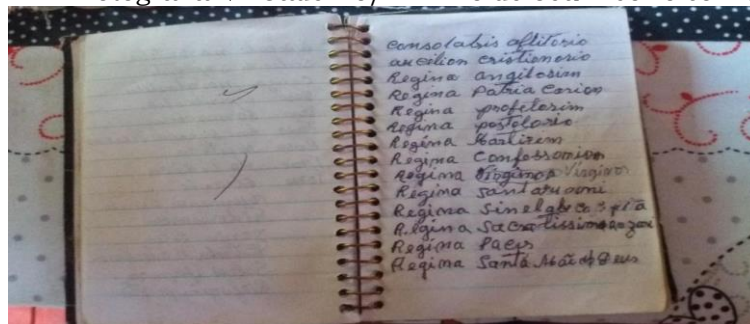
Seu Samuca ressaltou várias vezes que seu pai deixou de herança a cópia da ladainha para ele. Seu Libório, ao falar da sua cópia, conta como recebeu a mesma de seu mestre e a guarda há anos:

*Tinha um amigo lá onde eu morava, quem sabia capitular era só ele, aí a vez ele tinha dois convites pra um sábado, aí ele ia pra um e pra outro ele falhava. Aí eu costumei a rezar com ele... e eu disse 'Marreteiro faz um livro pra mim que eu aprendo a rezar. Quando vier um convite pra tu, eu aprendendo, tu vai prum lado e eu vou pro outro', aí ele escreveu. Aí eu ajudava ele, depois ele disse 'Hoje tu vai capitular pra mim ver se já dá pra tu seguir'. Aí eu capitulei... ele me ajudou, fez a segunda voz, ele disse 'Pronto! Você já tá pronto, pode seguir a sua viagem'. E a partir de 18 anos em diante eu formei um grupo de jovens (Entrevista, 15 jul. 2018).*

Através desse relato, fica evidente que o caderno é um recurso utilizado para assimilar a letra da ladainha e, posteriormente, os rezadores já habilitados o utilizam nas ladainhas para consultá-lo quando a memória falhar. Seu Libório contou que, há muitos anos, a sua cópia já não estava mais com boa qualidade para leitura. Por isso, pediu uma nova cópia para o rezador que havia lhe instruído e dado o primeiro livrinho com a ladainha escrita. O rezador morava em uma localidade distante, motivo pelo qual a cópia demorou a chegar nas suas mãos. É como se o mestre tivesse a posse da letra e fosse o responsável por disseminar o texto.

A fotografia 2 foi tirada do segundo livrinho que o mestre de Seu Libório deu a ele. Segundo o rezador, o livro já estava velho e por isso a letra da oração encontrava-se um pouco apagada pois foi escrita a lápis. De tal modo, o rezador explicou que cobriu com caneta a letra para não a perder.

Fotografia 2 - Caderno/livrinho de Seu Libório com a letra da ladainha



Fonte: Acervo da pesquisa, 2018.

Apesar da utilização do caderno com a letra da oração, é importante ressaltar que somente a cópia não dá conta de repassar os saberes necessários

para um novo rezador capitular ou cantar a ladainha. Isto porque a forma como se reza, os saberes inerentes à performance, são todos aprendidos através do olhar atento do principiante, em posse da letra escrita da ladainha, isto é, por meio de uma educação da atenção, em que através da mimese o aprendiz adquire habilidade para concretização do ritual.

Durante as festividades do Glorioso Espírito Santo, crianças e adolescentes acompanharam os pais na festividade, circulando no salão observando as rezadoras realizarem a ladainha. Na ocasião, duas meninas estavam com uma cópia da oração nas mãos para melhor acompanharem a reza. Em outros momentos, essas mesmas meninas já não acompanhavam a letra, mas ficavam concentradas ao observar as rezadoras cantarem, com seus olhares curiosos e atentos. Na fotografia 3, é possível ver uma menina sentada no meio das rezadoras, acompanhando a reza por meio da letra escrita da oração, sugerindo a continuidade da prática.

Fotografia 3 - Ladainha na Festividade do Glorioso Espírito Santo



Fonte: Acervo da pesquisa, 2018.

Por essa imagem (foto 3), visualiza-se, portanto, como se dá o processo de ensino e aprendizagem, em que os mais novos aprendem com os mais velhos no contexto do ritual através da oralidade e do uso das cópias. Na fotografia 4, há um menino que acompanhou um pouco mais de longe o ritual. Ao observar o comportamento dele durante a noite, vemos que ora ele se concentrava na letra digitada da reza, ora prestava atenção na performance observando atentamente o ritual.

Fotografia 4 - Ladainha na Festividade do Glorioso Espírito Santo.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2019.

Assim, escrita, oralidade e memória são elementos que dão vida ao ritual das ladainhas, o que não é algo estranho e nem novo, afinal, “na Europa e na América do Norte, são muitos os textos folclóricos, de origem literária comprovada e cuja transmissão se opera, tanto pela escrita, quanto pela voz” (ZUMTHOR, 2010, p. 23).

### **Considerações Finais**

A ladainha empregada como instrumento pedagógico pelos jesuítas na catequização indígena no Brasil colonial, sob certo ponto de vista, pode ser vista como algo negativo que auxiliou religiosos a imporem suas ideologias aos povos indígenas. O interessante, no entanto, é o fato de os povos indígenas não a terem reproduzido de maneira fiel como queriam os católicos portugueses. Além das culturas indígenas, posteriormente, as culturas africanas também deixaram suas contribuições na forma de se rezar ladainhas, constituindo, assim, um ritual híbrido desde o início de sua propagação no Brasil. Característica essa entendida como natural dado que as tradições não são fixas, constituindo-se como processos culturais dinâmicos.

Procuramos evidenciar neste artigo, que a aprendizagem das ladainhas, assim como em diversos outros rituais, se dá dentro do próprio rito. O momento em que a ladainha é rezada configura-se, portanto, como uma ocasião de aprendizagem, posto que os saberes inerentes à prática circulam, sendo ensinados pelos mais velhos e apreendidos pelos mais novos e pelas pessoas que não possuem, até então, conhecimento necessário para a performance.

Tal processo é eficaz para aprendizes abertos à experiência e que possuem, acima de tudo, o desejo de aprender. Tais sujeitos, permitem-se ouvir e observar e de maneira sensível. Assim, nas “escolas” de ladainhas não há professores que expõem e explicam determinados conteúdos de maneira exaustiva. Os educadores são os rezadores habilitados que mostram seu fazer a partir da vivência da prática ritualística, na qual saberes religiosos, musicais e poéticos são postos em circulação durante os rituais e apreendidos pelos sujeitos. Nessa experiência, portanto, quem mais fala/mostra e ensina é o próprio ritual realizado pelos rezadores, de modo que para ouvir/ver e aprender é necessário, sobretudo, que o aprendiz observe com muita paciência, atenção e vontade.

Diante do exposto, ao evidenciarmos que o ritual de reza das ladainhas se configura como prática educativa, na qual vários conhecimentos são postos em circulação, destacamos a relevância dos saberes apreendidos em espaços não formais de aprendizagem e de metodologias outras, para além das clássicas referências ocidentais marcadamente escolares e institucionais.

Ao ressaltarmos que saberes orais e escritos, científicos e não científicos, eruditos e populares, escolares e não escolares importam, devem ser valorizados e conhecidos, esperamos minar fronteiras abissais instituídas pela ciência pedagógica moderna que simplifica o olhar sobre a educação ao reduzi-la ao território da escolarização formal e, com isso, silencia outros modos de ser, viver e aprender, como é o caso da prática educativa das ladainhas, as quais, agindo como mediadores culturais, permitem a apreensão de muitos saberes.

## Referências

- ALBERTI, V. Histórias dentro da história. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2014. pp. 155-203.
- ALBUQUERQUE, M. B. B. *Beberagens indígenas e educação não escolar no Brasil Colonial*. Belém: FCPTN, 2012.



ALBUQUERQUE, M. B. B.; BARBOSA, R. G. A Religião como Educação. *Revista de Educação*, Campinas, v. 1. p. 127-37, 2016.

ANDRADE, P. D. de; COSTA, M. V. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33. p. 1-23, 2017.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas: Papyrus, 1997.

BONDÍA, J. L. Notas sobre experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, pp. 20-28, jan./abr., 2002.

BRANDÃO, C. R. *A educação como cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

BRANDÃO, C. R. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. Uberlândia: EDUFU, 2007a.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007b.

BRANDÃO, C. R. *Prece e Bênção: Espiritualidades religiosas no Brasil*. São Paulo: Editora Santuário, 2009.

BRANDÃO, C. R. *Prece e Folia, Festa e Romaria*. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.

BURKE, P. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)*. Tradução: Nilo Odália. São Paulo: Editora da UNESP, 1991

BURKE, P. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. pp. 07-37.

CUNHA, P. A.; FONSECA, T. N. de L. *Educação e religiosidade: as práticas educativas nas irmandades leigas mineiras do século XVIII nos olhares de Debret e Rugendas*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: História: guerra e paz, 23., 2005, Londrina. *Anais...* Londrina: Editorial Mídia, 2005. p. 1 - 9. Disponível em: <https://anais.anpuh.org/?p=14976>. Acesso em: 17 ago. 2018.

FONSECA, T. N. de L. História da educação e história cultural. In: VEIGA, C. G.; FONSECA, T. N. de L. (Orgs.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. pp.43-75.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008.

HAMPATÉ BÂ, A. Tradição viva. In: ZERBO, J.K (org.). *História geral da África I*. Brasília: MEC/UNESCO, 2010. pp. 167-212.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

INGOLD, T. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. *Metodologia Científica*. 6. ed. São Paulo: ATLAS, 2011.

MCLAREN, P. *Rituais na Escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

MEDAETS, C. “Tu garante?”: Reflexões sobre infância e as práticas de transmissão e aprendizagem na região do Baixo-Tapajós. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11., 2011, Salvador. *Anais Eletrônicos...* Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 30 set. 2018.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2001. p.10-29.

MONTERO, P. Índios e missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural. In: MONTERO, P. (Org.). *Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006. p. 31-67.

MOTA NETO, J. C. da. *A Educação no Cotidiano do Terreiro: Saberes e Práticas Culturais do Tambor de Mina na Amazônia*. 2008. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2008.

PEIRANO, M. G. S. A análise antropológica de rituais. In: PEIRANO, M. G. S. (Org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002. pp. 17-38.

PORTELLI, A. História Oral e Poder. *Mnemosine - Revista eletrônica do Instituto de Psicologia da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 6. n. 2, p. 2-13. 2010. Disponível em:

<http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/198>. Acesso em: 05 out. 2018.

SALLES, V. *A música e o tempo no Grão-Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultural, 1980.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna et. al. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 38, jan./abr. 32-48, 2015.

WULF, C. Aprendizagem cultural e mimese: jogos, rituais e gestos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 66, p. 553-568, jul./set. 2016.

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.